

PT muda o discurso e deixa de lado

Ano

Domingo, 26 de abril de 1987 — POLÍTICA — 1.º caderno — A-1

o sonho socialista

ALEXANDRE POLESÍ

Enviado especial a Brasília

Dividido entre "lights" (moderados) e "xiitas" (radicais), o PT deixou momentaneamente de lado o sonho socialista para procurar o possível no Congresso constituinte. "A proposta do PT não é do tipo ou dá ou desce. Se os outros não aceitarem, vamos negociar" — disse serenamente, na última quinta-feira, o deputado federal Plínio de Arruda Sampaio (PT-SP), 56.

Relator da subcomissão do Poder Judiciário e do Ministério Público, da Constituinte, Plínio de Arruda Sampaio deu um conselho a alguns dos dezesseis parlamentares de seu partido: "Não fiquem no gueto, conversem com outros deputados, não só da esquerda mas de todos os outros partidos".

Ocupando o cargo mais importante que o PT conseguiu junto às 24 subcomissões da Constituinte, esse

experiente advogado e parlamentar, que já foi deputado pelo PDC (cassado em 1964) e já ocupou cargos públicos, acha que o PT não pode ser ingênuo. "A esquerda tem que fazer alianças com o centro, se quiser avançar".

Claro que esse não é o pensamento predominante dentro do PT, mesmo na Constituinte. Plínio de Arruda Sampaio é, hoje, o principal líder "light" do partido. Mas o realismo é um sentimento que já permeia até a esquerda do partido. O deputado José Genoino (PT-SP), 41, ex-guerrilheiro no Araguaia, pelo PC do B, e apontado como membro do clandestino Partido Revolucionário Comunista (o que ele nega), disse na semana passada que o PT será duro agora para eventualmente ceder depois.

"O PT optou por um caminho. Nas comissões e subcomissões (onde as propostas são elaboradas) o PT agora será mais duro, para ser mais

flexível em plenário" — disse. Nesta fase, o PT defenderá princípios. Nas comissões, o partido apresentará as propostas do seu anteprojeto de Constituição, cuja base é a proposta do jurista Fábio Konder Comparato, mas profundamente modificada por emendas posteriores.

O amadurecimento da linguagem petista, ao menos no Congresso constituinte, é visível nos comentários do presidente do partido, Luís Inácio Lula da Silva, nas últimas semanas. Quando as greves de bancários e marítimos levam tanques às ruas, no final do mês passado, Lula dizia que a radicalização não interessava aos trabalhadores. "Sei com isso termina" — dizia, então, numa época em que corriam os rumores de golpe e retrocesso político.

O próprio Lula, em plenário, tem evitado insistir muito na retórica radical. Seus discursos, embora contundentes, são raros. Em seu primeiro discurso, Lula definiu o que

pretende na Constituinte. "Não vamos discriminar ninguém" — afirmou. Em conversas informais, Lula tem dito que, em certos temas, o PT terá o apoio até dos conservadores.

Deu um exemplo: a posição do PT quanto a liberdade e autonomia sindical e à desvinculação dos sindicatos ao Estado certamente terá o apoio do deputado Guilherme Afif Domingos (PL-SP), antigo correligionário do ex-deputado Paulo Maluf.

No último dia 21 de abril, na sessão especial da Constituinte em homenagem ao presidente Tancredo Neves, um dos discursos mais aplaudidos foi o do deputado federal Olívio Dutra (PT-RS). Em nome do partido, Dutra procedeu a uma autêntica reabilitação de Tancredo, cuja decisão de ir ao Colégio Eleitoral, em 1965, foi considerada uma traição pelos petistas. Dutra não deixou de fazer reparos a Tancredo mas derramou-se em elogios ao presidente morto há dois anos.

ANC 88

Pasta 24 a 30

Abril/87

056